



A INTERCONEXÃO ENTRE *PODER*, *SABER*, *GÊNERO* E *SEXUALIDADE*: UM BREVE DIÁLOGO ENTRE MICHEL FOUCAULT E JUDITH BUTLER

Barbara Leandra Porto Mota*

Resumo:

Este estudo, situado na filosofia contemporânea, propõe a interação entre as ideias pensadas por Michel Foucault e Judith Butler. Este trabalho visa examinar a inter-relação entre *poder*, *saber* e *sexualidade* em *História da sexualidade I: A Vontade de Saber*, publicado em 1976, por Michel Foucault, e no primeiro capítulo de *Problemas de Gênero : Feminismo e Subversão da Identidade*, publicado em 1990 por Butler, aprofundando-se nas principais teorias desses pensadores. Foucault diz que nunca se lida com *poder* sem, ao mesmo tempo, incitar, formar, constranger etc., algo que se descreve como uma rede de *poder/saber*. Segundo ele, o *poder* não é unidirecional, mas inseparável do conhecimento. Butler, por outro lado, focou nos desafios emanados das normas de *gênero*, elaborando a teoria da performatividade. A análise de Foucault explora instituições sociais e seus mecanismos de controle, enquanto Butler desafia as tradições de *gênero*, vendo-as como construções sociais dinâmicas e repetidas, e não uma *identidade* estável. Ela foca nas normas de *gênero* como expressões diretas de *poder* e controle social, complementando a abordagem foucaultiana. Uma análise proposicional que se dirige para a interlocução desses autores permite vislumbrar uma conexão entre suas teorias, com uma influência dos estudos de Foucault sobre Butler. A complementaridade que *poderia* ser criada entre a ênfase de Foucault na complexidade do *poder-saber-sexualidade* e a abordagem de Butler sobre a performatividade sugere uma convergência valiosa para a compreensão desta interação complexa entre *poder*, conhecimento e *sexualidade*.

Palavras-chaves: Poder; Saber; Gênero; Sexualidade; Filosofia; Foucault; Butler.

L'INTERCONNEXION ENTRE *POUVOIR*, *SAVOIR*, *GENRE* ET *SEXUALITÉ*: UN BREF DIALOGUE ENTRE MICHEL FOUCAULT ET JUDITH BUTLER

Résumé:

Cette étude, située dans la philosophie contemporaine, propose l'interaction entre les idées pensées par Michel Foucault et Judith Butler. Ce travail vise à examiner l'interrelation entre pouvoir, savoir et sexualité dans *Histoire de la sexualité I : La volonté de savoir*, publié en 1976, par Michel Foucault, et dans le premier chapitre de

* Possui graduação em Filosofia pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Atualmente concentra seus estudos na pesquisa sobre os pensamentos de Michel Foucault e Judith Butler, explorando sua conexão com a literatura. Especialização em andamento em Pós-graduação em Ensino Religioso.



Problèmes de genre : féminisme et subversion de l'identité, publié en 1990. par Butler, approfondissant les principales théories de ces penseurs. Foucault dit qu'on ne traite jamais de pouvoir sans, en même temps, susciter, former, contraindre etc., ce que l'on décrit comme un réseau pouvoir/savoir. Selon lui, le pouvoir n'est pas unidirectionnel, mais indissociable du savoir. Butler, quant à lui, s'est concentré sur les défis émanant des normes de genre, élaborant la théorie de la performativité. L'analyse de Foucault explore les institutions sociales et leurs mécanismes de contrôle, tandis que Butler remet en question les traditions de genre, les considérant comme des constructions sociales dynamiques et répétées plutôt que comme une identité stable. Elle se concentre sur les normes de genre en tant qu'expressions directes du pouvoir et du contrôle social, complétant ainsi l'approche foucauldienne. Une analyse propositionnelle centrée sur le dialogue entre ces auteurs permet d'entrevoir un lien entre leurs théories, avec une influence des études de Foucault sur Butler. La complémentarité qui pourrait être créée entre l'accent mis par Foucault sur la complexité du pouvoir-connaissance-sexualité et l'approche de Butler de la performativité suggère une convergence précieuse pour comprendre cette interaction complexe entre pouvoir, savoir et sexualité.

Mots-clés: Pouvoir; Savoir; Genre; Sexualité; Philosophie; Foucault; Butler.

INTRODUÇÃO

Na literatura acadêmica, Michel Foucault e Judith Butler são amplamente reconhecidos por suas contribuições fundamentais aos estudos da sexualidade. Suas ideias transformaram a compreensão das dinâmicas de *poder*, identidade e conhecimento. Este trabalho estabelece um diálogo entre os dois pensadores, focando na temática da sexualidade.

A análise investiga a interconexão entre *poder*, saber, gênero e *sexualidade* nas obras *História da Sexualidade I: A Vontade de Saber* de Foucault e no primeiro capítulo de *Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade* de Butler. O objetivo é aprofundar a compreensão das teorias centrais, destacando a ênfase de Foucault na relação complexa entre *poder* e *saber*, enquanto Butler se dedica aos desafios impostos pelas normas de gênero, desenvolvendo a teoria da performatividade.

Foucault enfatiza a complexidade da relação entre *poder*, *saber* e *sexualidade*, rejeitando a concepção unidirecional do *poder*. Ele argumenta que o *poder* está intrinsecamente ligado ao saber, questionando as estruturas de controle sobre o



conhecimento e a compreensão da sexualidade. Sua análise detalha as instituições sociais, como o Estado e a Igreja, e seus mecanismos de controle, mas não aborda a *performatividade de gênero*.

Butler desafia as concepções tradicionais de gênero, propondo que este seja uma relação dinâmica entre *poder* e *saber*, e não uma identidade fixa. Ela argumenta que o *gênero* é uma construção social praticada repetidamente por meio de ações e palavras, destacando como as normas de gênero expressam *poder* e controle social. Ao desafiar as normas estabelecidas, a teoria da performatividade de Butler complementa a abordagem de Foucault.

O diálogo entre esses autores revela uma conexão entre suas teorias, considerando a influência de Foucault nos estudos de Butler. Este trabalho explora as ideias de ambos, visando compreender as interações entre *poder*, *saber* e *sexualidade*, e como essas interconexões continuam a moldar o cenário contemporâneo.

MICHEL FOUCAULT: PODER, SABER E SEXUALIDADE EM HISTÓRIA DA SEXUALIDADE I: A VONTADE DE SABER

No contexto analisado, a obra de Michel Foucault demonstra claramente sua dedicação à investigação das complexas interações entre *poder*, *saber* e *sexualidade* na contemporaneidade. Ao focalizar a filosofia foucaultiana sobre a sexualidade, destaca-se sua recusa à concepção convencional de que a sociedade suprimiu a *sexualidade* de maneira geral. Ao contrário, Foucault argumenta que a *sexualidade* se tornou um tema de discussão e controle na cultura ocidental.

O primeiro volume de sua obra *História da Sexualidade I: A Vontade de Saber*, intitulado "Nós Vitorianos", expõe uma abordagem sarcástica do pensador em relação a uma sociedade historicamente anterior, na qual a intimidade era considerada livre e as práticas eróticas desvinculadas de leis e restrições. A ironia se evidencia quando Foucault descreve, de modo abrupto, o término dessa liberdade sexual com a expressão "rápido crepúsculo", sugerindo uma transição súbita na qual o acesso à intimidade foi limitado. Como resultado, aqueles que não se conformaram com esse novo regime foram excluídos, sendo retirados dessa "nova forma social".



Considerado historicamente repressivo, esse novo regime oprimia práticas sexuais que diferiam das normas impostas, marginalizando indivíduos como profissionais do sexo, histéricos e homossexuais, entre outros. Esses excluídos, rotulados por Foucault como os "outros vitorianos", não se adequaram ao modelo do "casal legítimo e procriador". Entre esses excluídos estavam as crianças, consideradas assexuadas e, portanto, alheias ao sistema vigente, sendo completamente afastadas do contexto sexual. Isso levantou questionamentos sobre a intimidade na infância, sugerindo que, de acordo com esse discurso, a intimidade das crianças era completamente ignorada e reprimida.

A pesquisa de Foucault em livro busca ir além da mera catalogação cronológica de eventos relacionados aos comportamentos sexuais e sua repressão, visando tornar visível a intrincada rede de *poder-saber* que constitui a sensualidade humana. Embora se concentre empiricamente na transição da era clássica (séculos XVII-XVIII) à modernidade (séculos XIX-XX) no contexto europeu, o legado de Foucault inspirou uma prolífica produção acadêmica sobre a *sexualidade* nas décadas subsequentes.

Ao utilizar a *genealogia da sexualidade*, conceito fundamentado na *genealogia da moral*²⁶ de Nietzsche, Foucault direciona sua atenção para os mecanismos de verdade sobre a sensualidade produzidos discursivamente por diversas instituições ao longo da história. Ele investiga os processos que conferem legitimidade a um discurso, estabelecendo-o como verdade, enquanto outros discursos são silenciados ou deslegitimados.

Judith Butler, em *Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade*, observa como Foucault destaca os modos pelos quais os discursos adquirem corporeidade e legitimidade na interação com diversas instituições, como o sistema financeiro e político. A genealogia não busca as raízes das categorias, mas examina as políticas de identidade que resultam de instituições, práticas e discursos diversos.

²⁶ A genealogia da moral, conceito seminal de Friedrich Nietzsche, é meticulosamente elaborada em sua obra *Genealogia da Moral* publicada em 1887. Esta abordagem filosófica busca desvendar as origens e significados subjacentes aos sistemas de valores morais e éticos. Ao desenterrar as influências culturais, sociais e psicológicas por trás de nossas ideias morais, Nietzsche nos convida a questionar a autoridade absoluta desses valores e a reconsiderar nossas próprias crenças.



Para compreender melhor essa pesquisa, é fundamental destacar as quatro instruções de cautela consideradas por Foucault. A primeira regra, da imanência, implica considerar que a *Sexualidade* transcende um conhecimento específico, envolvendo artefatos financeiros ou ideológicos como geradores de mecanismos de proibição. A segunda regra, das flutuações contínuas, busca observar o jogo de forças e suas mudanças, em vez de identificar quem detém ou não *poder* na ordem da sexualidade. A terceira regra, do duplo condicionamento, observa tanto os locais quanto as estratégias globais. E a quarta regra, da versatilidade tática dos discursos, reconhece que é no discurso que *poder* e *saber* se entrelaçam estrategicamente.

Desafiando a suposição repressiva, Foucault observa que na modernidade a *sexualidade* estava sujeita a um processo crescente de estímulo e explosão discursiva. Ele não nega completamente a repressão da sexualidade, mas examina as ações microfísicas presentes nas operações e estratégias das instituições. Os documentos analisados mostram restrições de vocabulário e censura de expressões, mas o desejo encontrou saída na literatura e nas artes. A colocação do sexo em discurso foi normatizada, com um imperativo de transformar todo desejo em discurso.

Foucault apresenta os quatro ramos de saber-*poder*-prazer articulados na modernidade: a gestão da *sexualidade* das crianças; a especificação das *sexualidades* periféricas; o prazer-*poder* da vigilância médica, pedagógica, familiar, social, legal, canônica e confessional; e os dispositivos de saturação sexual, como a redução da *sexualidade* ao casal heterossexual legítimo e a proliferação de outras *sexualidades*. Por meio dessas ações produtivas e reguladoras, prazer e *poder* se entrelaçam aos processos de subjetivação e sujeição modernos.

Diante do exposto, faz-se necessário recorrer ao fragmento de,

A sexualidade é o nome que se pode dar a um dispositivo histórico: não à realidade subterrânea que se apreende com dificuldade, mas à grande rede da superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e de poder (FOUCAULT, 1976, p. 99).

Para Foucault, o mecanismo da *sexualidade* é um componente estratégico interligado aos jogos de *poder* e aos limites de compreensão que surgem e orientam esse



mecanismo. Este fenômeno, que se tornou proeminente na vida moderna, consolidou-se a partir do século XVIII, expandindo sua influência além da mera imposição legal. Essa expansão ocorreu através de diversas técnicas flexíveis, multifacetadas e situacionais de exercício de *poder*.

Por um lado, houve a promoção e intensificação do discurso sobre temas considerados tabu, enquanto, por outro, foi implementada uma vigilância sobre os discursos, comportamentos e espaços onde o prazer *poderia* ser discutido e em quais circunstâncias. O objetivo subjacente a esse mecanismo era penetrar nos corpos, gerenciando prazeres, sensações e comunidades.

Foucault argumenta que o ato sexual se tornou um instrumento essencial desse mecanismo, sendo também moldado por ele. Ao longo da história, debates e estudos científicos sobre a origem, presença, ausência, excesso, função e instinto do ato sexual foram impulsionados por diversas manifestações, como afecções históricas, masturbação, fetichismo e coito interrompido. Gradualmente, essas linhas de *poder*, conhecimento e prazer moldaram uma teoria global do sexo, dissolvendo qualquer concepção puramente biológica dele.

Para Foucault, a sociedade ocidental moderna desenvolveu uma espécie de ciência do sexo através do controle técnico-científico da sexualidade. Esta ciência, ao buscar revelar a verdade sobre o sexo, criou uma série de procedimentos organizados em torno de uma forma de *poder-saber*, opondo-se simultaneamente à arte e à religião. O resultado foi a criação de uma "ciência-confissão", repleta de rituais na busca pela produção da verdade. A confissão da sensualidade infiltrou-se nas formas científicas do século XIX por meio de cinco técnicas específicas, conforme descritas por Foucault.

O controle social sobre a *sexualidade* na modernidade influenciou diversas relações, incluindo aquelas entre pais e filhos, casais, professor e aluno, médico e paciente, juiz e réu, entre outras. Foucault observa que, no século XIX, houve uma fusão entre *sexualidade* e doença mental. As formações discursivas envolvendo conhecimento, *poder* e prazer criaram um léxico que associava "desordem sexual" à doença mental, estabelecendo normas para o desenvolvimento sexual em cada fase da vida e caracterizando seus possíveis desvios.



Os tribunais foram encarregados de condenar tanto a infidelidade quanto os comportamentos sexuais desviantes, enquanto controles pedagógicos e tratamentos médicos foram estabelecidos como "cura" para as transgressões às normas. Esses acontecimentos marcaram a modernidade como uma era de diversificação e multiplicação das sensibilidades e de suas distorções. Tal cenário também levantou questões sobre a *sexualidade* na infância, sugerindo que, segundo esse discurso, as crianças teriam desfrutado de uma *sexualidade* mais livre antes desse período de transformação social.

Nas palavras do autor,

Diz-se que no início do século XVII ainda vigorava certa franqueza. As práticas não procuravam só segredo; as palavras eram ditas sem reticência excessiva e as coisas eram feitas sem demasiado disfarce; tinha-se como ilícito uma tolerante familiaridade. Eram frouxos os códigos da grosseria, da obscenidade, da descendência, se comparados com os do século XIX. Gestos diretos, discursos sem vergonha, transgressões visíveis, anatomias mostradas e facilmente misturadas, crianças astutas vagando, sem incômodo nem escândalo entre os risos dos adultos: os corpos "pavoneavam" (Foucault, 1976, p. 7).

Na passagem mencionada, ao empregar a expressão "diz-se" no início do trecho, o autor sinaliza sua discordância com as visões predominantes no início do século XVII, quando a sociedade era percebida como mais aberta. O uso dessa expressão por Foucault sugere que as perspectivas apresentadas são questionáveis, revelando uma postura crítica e irônica em relação à suposta compreensão da sociedade naquela época. Esse posicionamento sugere que as mudanças nos padrões de comportamento ao longo do tempo podem não ter sido tão significativas quanto se imaginava.

Para Foucault, aderir ao discurso repressivo limita a compreensão precisa das complexidades envolvidas nas estratégias de *poder* e nas economias discursivas relacionadas à sexualidade. Ele contesta a ideia da repressão, argumentando que, se o sexo fosse destinado à repressão e à proibição, discuti-lo abertamente seria considerado uma forma de liberdade. Em seu trabalho de 1976, Foucault destaca que essa abordagem cria uma falsa sensação de libertação da hipótese historicamente imposta de repressão e sugere que a luta contra a repressão é, na verdade, uma falha em tentar desvincular as verdadeiras conexões entre sexualidade, economia discursiva e regimes de *poder* circundantes.



O autor considera insuficiente contestar apenas a hipótese de repressão apresentada nas páginas iniciais de seu livro, pois esta é uma tese amplamente aceita e consolidada pelo tempo, ocultando, assim, todos os interesses do sistema econômico e do discurso. Nas palavras de Foucault (1976, p.13), contradizer essa tese seria ir de encontro não apenas a uma ideia bem aceita, mas também a toda a estrutura econômica e aos "interesses" discursivos que a sustentam. Ele destaca as fragilidades dessa hipótese de repressão, argumentando que a questão central não é 'o porquê' de sermos reprimidos, mas sim 'o porquê' de defendermos tão fervorosamente esse discurso repressivo.

Contrariamente à concepção de *poder* como uma entidade única exercida por uma autoridade central, Foucault enxerga o *poder* como uma rede de relações que permeia toda a sociedade. Ele postula uma íntima conexão entre *poder* e saber, sustentando que o *poder* se manifesta no controle e na regulação da sexualidade. Além de sua natureza repressiva, Foucault destaca que o *poder* é também produtivo, construindo normas e identidades sexuais além de proibi-las.

O autor enfatiza que o *saber* desempenha um papel crucial na formação da *sexualidade* e na regulação social. Ele critica a ideia de que a *sexualidade* é inerente e natural, argumentando que é uma construção social moldada por normas e discursos. Foucault introduz o conceito de *dispositivo de poder* para descrever o conjunto complexo de instituições, discursos e práticas que regulam a *sexualidade* em uma sociedade.

O *dispositivo de poder* é uma intrincada rede de instituições, práticas, discursos, leis, normas e ideias que moldam e controlam as percepções, práticas e comportamentos sexuais em um determinado tempo e cultura. Esses dispositivos não se limitam apenas a reprimir; desempenham também um papel produtivo, estruturando e regulando o comportamento sexual de acordo com as normas sociais prevalentes. Foucault argumenta que esses dispositivos de *poder* evoluíram ao longo da história, refletindo diferentes estágios e transformações. Ele destaca a crescente visibilidade, normatização e medicalização da *sexualidade* na sociedade ocidental moderna.

A compreensão da *sexualidade* não se limita mais ao ato sexual, abrangendo uma variedade de discursos, instituições e práticas que moldam identidades e



comportamentos sexuais. Portanto, Foucault utiliza o termo *dispositivo de poder* como uma ferramenta analítica para examinar como o *poder* está intrinsecamente ligado à sexualidade, como é exercido e como influencia nossa compreensão e vivência do tema. Esse conceito desempenha um papel fundamental em sua crítica à repressão sexual e em sua análise das dinâmicas de *poder* que permeiam a sociedade no contexto da sexualidade.

Nas palavras do autor,

(...) um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre esses elementos. (Foucault, 1976, p. 244).

Além disso, Foucault examina o significado da regulação do sexo por meio da confissão, argumentando que a sociedade ocidental incentiva as pessoas a falar sobre sua sexualidade. Paradoxalmente, isso resulta em controle e normalização do comportamento sexual. A regulação do sexo através da confissão transforma-se em uma forma de autocontrole, onde as pessoas monitoram e ajustam seus comportamentos às normas sociais. Esse mecanismo confessional está presente em diversas áreas, como na Igreja Católica, onde os fiéis alinham seus pensamentos e ações às orientações de um padre. Esse processo de confissão gera diversos discursos sobre o sexo, abordando práticas, posições e expressões, resultando em uma multiplicidade de perspectivas sobre o tema.

De acordo com o texto,

Não penso tanto, aqui, na multiplicação provável dos discursos "ilícitos", discursos de infração que denominam o sexo cruamente por insulto ou zombaria aos novos pudores; o cerceamento das regras de decência provocou, provavelmente, como contrafeito, uma valorização e uma intensificação do discurso indecente. Mas o essencial é a multiplicação dos discursos sobre o sexo no próprio campo do exercício do *poder*: incitação institucional a falar do sexo e a falar dele cada vez mais; obstinação das instâncias do *poder* a ouvir falar e a fazê-lo falar ele próprio sob a forma da articulação explícita e do detalhe infinitamente acumulado (Foucault, 1976, p.21).



No que concerne ao ato de confessar²⁷, Foucault argumenta que o discurso sobre a *sexualidade* resulta em um regime de proteção e exclusão, onde comportamentos considerados inaceitáveis são rotulados como inadequados. Ele descreve como a institucionalização da *Sexualidade* ocorre através de processos de julgamento e concessão de direitos. Nesse contexto, o sexo se torna uma tecnologia que permeia áreas como política, legislação, sistemas educacionais e economia. O autor caracteriza esse processo como a formação de uma 'polícia sexual' que busca controlar de maneira eficaz e pública o discurso sobre a Sexualidade.

Além disso, Foucault explora o conceito de *biopolítica*, examinando como o *poder* implica no controle sobre a vida. Dentro dessa estrutura, o comportamento sexual se torna uma questão de governança, sendo regulamentado em nome da saúde pública e da moralidade. A relação entre *poder*, conhecimento e sexualidade, conforme delineada por Foucault (1976), é complexa e multifacetada. Sua análise revela como as estruturas de *poder* moldam a construção do conhecimento sobre a *sexualidade* e como esse conhecimento é utilizado como ferramenta de controle social.

Para compreender o que o autor entende por biopolítica, é necessário recorrer ao texto,

Se pudéssemos chamar "biohistória" as pressões por meio das quais os movimentos da vida e os processos da história interferem entre si, deveríamos falar de "bio-política" para designar o que faz com que a vida e seus mecanismos entrem no domínio dos cálculos explícitos, e faz do *poder-saber* um agente de transformação da vida humana; não é que a vida tenha sido exaustivamente integrada em técnicas que a dominem e gerem; ela lhes escapa continuamente. (Foucault, 1976, p.133).

Nessa passagem, Foucault lança luz sobre a intrincada interação entre vida, história e *poder*, introduzindo os conceitos de "biohistória" e "biopolítica". A "biohistória" abrange a interrelação entre os movimentos da vida e os processos históricos, enquanto a "biopolítica" descreve o processo pelo qual o *poder* converte a

²⁷ Nas páginas 22-23 de *História da sexualidade I: A vontade de saber* de 1976, Foucault delinea a essência da confissão e os requisitos para sua plenitude. Ele a percebe como um ato que estimula o diálogo em torno da sexualidade, desencadeando a produção da verdade sobre ela. Detalhando no ato de confessar os aspectos mais sutis, como as posições dos parceiros, suas atitudes, gestos, toques e o momento exato do prazer, isso implica em incorporar em um discurso uma análise minuciosa da própria execução do ato sexual.



vida humana em objeto de cálculos explícitos. Essa transformação implica não apenas na regulação dos comportamentos individuais, mas também na administração dos processos vitais da população como um todo. Foucault sugere que a vida humana não é totalmente absorvida por técnicas de dominação, mas sim continua a escapar dessas tentativas de controle. Essa análise revela como o *poder*, ao penetrar na vida e na história, não só molda as relações sociais, mas também os próprios processos vitais dos indivíduos e das comunidades.

Em resumo, a obra de Michel Foucault oferece uma visão provocativa e complexa das interações entre *poder*, *saber* e *sexualidade* na sociedade contemporânea. Ao rejeitar a ideia convencional de repressão sexual, Foucault argumenta que a *sexualidade* é um objeto de discurso e controle, destacando a evolução dos dispositivos de *poder* que influenciam e regulam as práticas e identidades sexuais. Sua análise revela como o *poder* não apenas reprime, mas também produz normas e subjetividades sexuais, exercendo influência sobre o conhecimento e a prática social. Através dos conceitos de biopolítica e biohistória, Foucault esclarece a complexa interação entre vida, história e *poder*, sugerindo que a vida humana continua a escapar das tentativas de controle e dominação. Dessa forma, sua obra desafia as concepções tradicionais de *poder* e sexualidade, convidando-nos a reconsiderar as dinâmicas sociais que moldam nossas experiências individuais e coletivas.

Judith Butler: Performatividade de gênero em Perspectiva

Antes de adentrarmos na exposição da teoria elaborada por Judith Butler²⁸, é crucial procedermos com uma introdução. Tal prática, embora possa parecer dispensável para alguns, é adotada como um procedimento preliminar em todos os textos que abordo uma autora ou filósofa. Tal medida se justifica, em parte, pelo fato de que, em muitas instituições universitárias, a abordagem curricular obrigatória não

²⁸ Caso queira se aprofundar nos estudos sobre Judith Butler, sugiro a leitura do livro: Lendo Judith Butler: apropriações teóricas e políticas interdisciplinares organizado por Ricardo Prata Filho e Thais de Bakker Castro, publicado no Rio de Janeiro pela editora PUC-Rio em 2021.



abarca o estudo de filósofas. Além disso, proporciona um contexto histórico no qual essas mulheres produziram suas obras. Nesse sentido, iniciamos uma breve contextualização.

Judith Butler emerge como uma figura de grande influência nos campos dos estudos de gênero, estudos queer e filosofia contemporânea. Nascida em 1956 nos Estados Unidos, suas ideias revolucionárias sobre a *performatividade de gênero* e identidade desafiam concepções tradicionais estabelecidas sobre esses temas. Sua obra mais conhecida, *Problemas de Gênero: Identidade, Feminismo e Subversão da Identidade*, publicada em 1990, redesenhou o debate sobre gênero ao evidenciar a natureza socialmente construída das normas de gênero, contrastando com a visão de identidade de gênero como algo estático. Além disso, Butler é reconhecida por seu ativismo em prol da justiça social e dos direitos LGBTQ+.

Em sua produção intelectual, Butler adota uma abordagem analítica semelhante à "genealogia do *poder*" proposta por Foucault para explicar como as categorias de sexo, gênero e desejo são produzidas por formas específicas de *poder*. Ela também incorpora conceitos como "suplementaridade" e a metodologia da "desconstrução" de Jacques Derrida (1973)²⁹ como ferramentas centrais em sua análise. Butler busca desafiar as estruturas binárias e normativas às quais o movimento feminista historicamente se prendeu, argumentando que o gênero é produzido discursivamente dentro das relações de *poder* e que não pode ser reduzido à expressão do sexo.

Butler ressalta a fluidez da noção de pessoa e do gênero, destacando que ambos são transitórios, relacionais e contextuais. Enquanto os discursos de gênero buscam conferir uma coerência culturalmente estabelecida ao sujeito, atribuindo-lhe humanidade, Butler sugere que o gênero é performativo, sujeito a intervenções e ressignificações dentro das práticas discursivas.

Nas palavras da autora,

²⁹ Para melhor entender sobre sugiro a leitura do artigo [Performance, gênero, linguagem e alteridade: J. Butler leitora de J. Derrida](https://doi.org/10.1590/S1984-64872012000400007), de autoria de Carla Rodrigues da Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, Brasil que pode ser encontrado no endereço <https://doi.org/10.1590/S1984-64872012000400007>.



o *gênero* não é um substantivo, mas tampouco é um conjunto de atributos flutuantes, pois vimos que seu efeito substantivo é performativamente produzido e imposto pelas práticas reguladoras da coerência do *gênero*. Consequentemente, o *gênero* mostra ser performativo no interior do discurso herdado da metafísica da substância – isto é, constituinte da *identidade* que supostamente é. Nesse sentido, o *gênero* é sempre um feito, ainda que não seja obra de um sujeito tido como preexistente à obra (Butler, 2003, p. 48).

Butler concorda com Foucault ao destacar que os discursos moldam e influenciam os corpos. Nessa linha de pensamento, ela enfatiza os vocabulários 'generificados' presentes na linguagem e propõe conceber o gênero como uma prática, uma representação teatral rica em significados. Essas práticas são ao mesmo tempo novas vivências, um conjunto de significados reconhecidos socialmente e meios de validação social. Portanto, o gênero não é uma identidade fixa, mas sim moldado ao longo do tempo por repetidas práticas (envolvendo discursos, escritos, comportamentos etc.) que resultam em sua naturalização. Essas práticas, por sua vez, são intermitentes e resultam na formação de corpos que buscam criar a ilusão de uma identidade permanente determinada pelo gênero.

Alguns esclarecimentos são necessários sobre a noção de *performatividade de gênero* elaborada por Butler. É crucial entender a *performatividade de gênero* principalmente em termos de linguagem, como uma influência significativa nos modos de existir e agir dos indivíduos por meio de termos 'generificados' presentes na linguagem. Embora Butler não negue a possibilidade de escolha de gênero, ela destaca que essa ação ocorre muito depois do processo de performatividade. Em outras palavras, a performance é subsequente à performatividade.

A abordagem crítica de Butler desafia premissas convencionais sobre gênero, argumentando que a identidade de gênero não é uma construção social inata, mas altamente performativa. A autora questiona normas estabelecidas de gênero, evidenciando a fluidez e performatividade na formação de identidades individuais e sociais.

Butler introduziu o conceito de *performatividade de gênero* para descrever como os indivíduos constroem suas identidades de gênero por meio de ações e representações que se conformam com normas socialmente construídas. Esse conceito sugere que o gênero não é estático, mas sim algo em constante evolução, moldado por padrões



sociais que restringem a expressão de gênero. A teoria da *performatividade de gênero* também enfatiza a influência do *poder* na construção de identidades de gênero, argumentando que o *poder* opera por meio de discursos e normas que regulam o comportamento conforme uma suposta identidade de gênero. Aqueles que desafiam tais normas estão sujeitos a censura e discriminação. Apesar de evidenciar as forças sociais que moldam a identidade, a *performatividade de gênero* sugere que alguns encontram *empoderamento* ao desafiar as normas limitantes, buscando uma expressão autêntica de si mesmos, independentemente do custo. Essa diversidade de expressões questiona as definições rígidas de masculinidade e feminilidade.

De acordo com o texto,

Esse esboço um tanto tosco nos dá uma indicação para compreendermos as razões políticas da visão do *gênero* como substância. A instituição de uma *heterossexualidade* compulsória e naturalizada exige e regula o *gênero* como uma relação binária em que o termo masculino diferencia-se do termo feminino, realizando-se essa diferenciação por meio das práticas do desejo heterossexual. O ato de diferenciar os dois momentos opacionais da estrutura binária resulta numa consolidação de cada um de seus termos, da coerência interna respectiva do sexo, do *gênero* e do desejo (Butler, 2003, p.42).

A autora critica a concepção de uma identidade de gênero fixa e binária, promovendo uma compreensão mais fluida e flexível, que permite que as pessoas expressem sua autenticidade. Assim, a abordagem da filósofa americana tem implicações profundas para a luta pela igualdade e diversidade de gênero, desafiando a ideia de que existem maneiras "corretas" de ser homem ou mulher.

A passagem anterior adota uma abordagem simplificada como ponto de partida para explorar as implicações políticas do gênero como um conceito substantivo. Destaca-se a imposição e naturalização da heterossexualidade, vista como uma força reguladora que molda o gênero nas relações diádicas, onde homens são distinguíveis das mulheres, principalmente através do desejo heterossexual. A distinção entre os termos binários resulta na consolidação e coesão interna de cada categoria, englobando sexo, gênero e desejo. As críticas subjacentes apontam limitações e normatividades associadas a essa construção, indicando a necessidade de questionar e desconstruir as normas tradicionais de gênero e sexualidade.



Um ponto central na teoria de Butler é a proposição de que a identidade e expressão de gênero não são inatas, fixas ou biologicamente determinadas, mas sim construídas social e culturalmente por meio de comportamentos repetidos. Em outras palavras, Butler argumenta que não nascemos com uma identidade de gênero pré-definida; ao contrário, nossa identidade de gênero é moldada por meio de ações repetidas e pelas normas sociais que regulam a conformidade com um determinado gênero. Ela ressalta que o comportamento de gênero não é apenas uma expressão da identidade de gênero interna, mas sim a maneira como a identidade de gênero é construída e mantida. Esses comportamentos de gênero são "performativos" porque executá-los constitui nossa identidade de gênero.

A teoria da performatividade de Butler teve implicações profundas para a compreensão da identidade de gênero, desafiando concepções tradicionais e binárias ao demonstrar que ela seja fluida e socialmente construída. Além disso, argumenta-se que a *performatividade de gênero* pode servir como uma forma de resistência às normas tradicionais de gênero, possibilitando que as pessoas desafiem e subvertam as expectativas de gênero. A teoria da performatividade de Butler exerceu influência não apenas nos estudos de gênero, mas também em campos como a teoria crítica, estudos queer e estudos culturais, promovendo discussões cruciais sobre identidade, *sexualidade* e *poder*.

Para melhor compreender se faz necessário recorrer ao texto,

Entretanto, se os atributos de *gênero* não são expressivos, mas performativos, então constituem efetivamente a *identidade* que pretensamente expressariam ou revelariam. A distinção entre expressão e performatividade é crucial. Se os atributos e atos do *gênero*, as várias maneiras como o corpo mostra ou produz sua significação cultural, são performativos, então não há *identidade* preexistente pela qual um ato ou atributo possa ser medido; não haveria atos de *gênero* verdadeiros ou falsos, reais ou distorcidos, e a postulação de uma *identidade* de *gênero* verdadeira se revelaria uma ficção reguladora. O fato de a realidade do *gênero* ser criada mediante performances sociais contínuas significa que as próprias noções de sexo essencial e de masculinidade ou feminilidade verdadeiras ou permanentes também são constituídas, como parte da estratégia que oculta o caráter performativo do *gênero* e as possibilidades performativas de proliferação das configurações de *gênero* fora das estruturas restritivas da dominação masculinista e da heterossexualidade compulsória. (Butler, 1990, p.188).



Na passagem apresentada, Judith Butler investiga a natureza performativa do gênero, contrastando-a com a noção de expressão. Ela argumenta que os traços e comportamentos de gênero não são simples expressões de uma identidade já existente, mas sim atos que efetivamente constroem a mesma. Ao destacar essa distinção entre expressão e performatividade, a filósofa sugere que não há uma identidade de gênero fixa ou autêntica pela qual os atos ou características possam ser avaliados. A realidade do gênero é continuamente moldada e mantida por meio de performances sociais, implicando que concepções essencialistas de sexo e identidades de gênero verdadeiras são construídas e mantidas como parte de uma estratégia que obscurece a natureza performativa do gênero. Reconhecer o caráter performativo do gênero pode abrir espaço para uma multiplicidade de configurações além das estruturas limitadoras da dominação masculina e da *heterossexualidade* compulsória. Essa análise desafia noções essencialistas de gênero e destaca a importância de questionar as normas sociais que influenciam nossa compreensão da identidade de gênero.

Butler (2003, p. 215-216) denomina de "estrutura heteronormativa" o arranjo específico de *poder* que indica "a rede de compreensão cultural através da qual os corpos, identidades de gênero e desejos são padronizados". Este é um padrão performativo e epistemológico predominante que exige a coesão e uniformidade entre sexo, identidade de gênero e desejo através da imposição compulsória da heterossexualidade. Para mantê-lo, a estrutura regulatória trabalha na criação de identidades (sexuais e de gênero) que devem ser reafirmadas diariamente. Em outras palavras, um homem deve corresponder aos critérios de masculinidade, possuir um órgão genital masculino e sentir atração exclusivamente por corpos femininos.

No entanto, existem formas de escapar da conformidade identitária, assim como podem ocorrer interferências nos processos comunicativos. Daí surgem práticas e existências que ultrapassam as fronteiras da estrutura de *poder* centrada na heterossexualidade, ou seja, aquelas em que gênero não deriva do sexo e cujo desejo não deriva nem do sexo nem do gênero. Nesse contexto, o ato de "derivar", de acordo com Butler, é a imposição de uma relação política que regula a sexualidade.

Em conversa com Foucault, Butler argumenta que, da mesma forma que gênero e sexo, o desejo também pode ser compreendido como um efeito de práticas discursivas,



portanto, linguisticamente construído. A entrada de um bebê no campo cultural (discursivo), por exemplo, altera as expectativas em relação ao seu desejo. Ou seja, há pressuposições e restrições sobre o que seria aceitável ou não para o seu desejo em relação ao seu sexo e, simultaneamente, ao gênero. Além disso, a autora afirma que os tipos de prazer centrados no pênis, na vagina e nos seios também "refletem um ideal normativo de um corpo já marcado por um gênero específico" (BUTLER, 2003, p. 108).

Tomando a antropóloga Esther Newton como referência, Butler sugere que travestis e drag queens são as manifestações empíricas que desafiam o modelo de (identidade de) gênero apresentado como verdadeiro ao mesmo tempo que destacam as discrepâncias entre prazeres sexuais e partes do corpo. A drag queen demonstra uma desconexão entre sexo e performance, e entre sexo e gênero, e entre gênero e performance. Enquanto isso, a travesti, embora encarne a imagem de uma mulher, também desloca aspectos de gênero falsamente naturalizados através das regulações heterossexuais.

Portanto, ao considerar as contribuições de Butler, somos instigados não apenas a repensar nossas próprias concepções de gênero, mas também a nos engajar em uma reflexão contínua sobre como as normas sociais moldam e influenciam nossas identidades, avançando em direção a uma sociedade mais igualitária e diversificada, em que todas as formas de expressão de gênero sejam valorizadas e respeitadas.

APROXIMAÇÕES ENTRE FOUCAULT E BUTLER³⁰

Num contexto em que as normas de *gênero* e *sexualidade* são objetos cruciais de investigação, as abordagens teóricas de Michel Foucault e Judith Butler emergem como fundamentais, influenciando não apenas os círculos acadêmicos, mas também a compreensão mais ampla das dinâmicas sociais. Desafiando concepções convencionais de *poder* como uma entidade monolítica e hierárquica, ambos os pensadores ressaltam a

³⁰ Sugiro a leitura do artigo: De Foucault a Butler: identidade(s), performatividade e normatividade de gênero de autoria de Sara Vidal Maia publicado no Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade (CECS), Universidade do Minho, Portugal, que pode ser encontrado em Livro de atas do III Congresso Internacional sobre Culturas: Interfaces da Lusofonia (uminho.pt).



necessidade de uma análise mais sutil e multifacetada. Suas reflexões sobre o papel produtivo do *poder* na construção de identidades e na formação de discursos oferecem um terreno fértil para a reavaliação das estruturas sociais. Este texto explora, portanto, as intersecções entre as obras de Foucault e Butler, destacando como suas abordagens distintas contribuem para a compreensão das complexas interações entre *poder*, *saber* e *sexualidade* na contemporaneidade.

Ao investigar as convergências entre Michel Foucault e Judith Butler, torna-se evidente que ambos compartilham uma visão inovadora sobre o *poder* como uma rede complexa de relações, desafiando a concepção tradicional de uma força monolítica e hierárquica. Ambos os pensadores destacam que o *poder* permeia todas as camadas da sociedade, manifestando-se não apenas de maneira coercitiva, mas também desempenhando um papel produtivo na construção de identidades e discursos. Essa perspectiva mais abrangente proporciona uma compreensão mais completa das dinâmicas sociais, sublinhando a interconexão entre *poder*, *saber* e *sexualidade*.

Outra convergência notável reside na crítica às normas tradicionais de *gênero* e *sexualidade*. Foucault, por meio de sua análise sobre a construção da *sexualidade*, e Butler, por meio de sua teoria da *performatividade de gênero*, desafiam as categorias binárias preestabelecidas e as normas sociais que ditam como as pessoas devem se comportar com base em seu *gênero* ou orientação sexual. Ambos os teóricos destacam a fluidez e a contingência dessas categorias, sublinhando a necessidade de questionar a rigidez das prescrições de *gênero*.

No entanto, ao aprofundar nas proximidades entre Foucault e Butler, emerge uma diferença fundamental ao tratar a *performatividade de gênero* por parte desta última. Enquanto Foucault se concentra nas dinâmicas de *poder* e *controle* presentes nas instituições sociais, Butler destaca como o *gênero* é uma construção social realizada por meio de atos repetidos. A perspectiva de Butler desafia a concepção tradicional de *gênero* como uma característica fixa e preexistente da identidade, propondo, em vez disso, uma visão mais fluida e socialmente construída do *gênero*.

Outra distinção crucial se revela nas abordagens de Foucault e Butler em relação à *identidade* de *gênero*. Enquanto Foucault, em suas obras mais recentes, passa a abordar o conceito de *identidade* de forma mais direta, mantendo uma perspectiva



influenciada pelo *poder* e resistência, a obra de Butler concentra-se na construção e desconstrução das *identidades de gênero*. Butler argumenta que as identidades de *gênero* não devem ser consideradas como algo estático, mas sim como algo em constante evolução, moldado por performances sociais.

Essas diferenças refletem-se também nas estratégias propostas por cada autor para lidar com as normas de *gênero*. Foucault enfatiza as estratégias de resistência e os modos de subjetivação que as pessoas podem adotar para desafiar o *poder* e as normas sociais. Em contrapartida, Butler concentra-se na desconstrução das normas de *gênero* por meio da performatividade, permitindo uma multiplicidade de identidades de *gênero*. Para Butler, a resistência está intrinsecamente ligada à desconstrução das normas de *gênero*, promovendo a diversidade e a flexibilidade nas expressões de *identidade de gênero*.

Em suma, ao examinar as convergências e divergências entre Michel Foucault e Judith Butler, emerge uma imagem complexa das interações entre *poder*, *saber* e *sexualidade*. Enquanto compartilham a visão de um *poder* difuso e questionam as normas tradicionais de *gênero*, suas abordagens distintas enriquecem as discussões acadêmicas, oferecendo perspectivas complementares que ampliam nosso entendimento das identidades de *gênero*, *poder* e resistência na contemporaneidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluimos que Michel Foucault e Judith Butler oferecem análises profundas e desafiadoras das complexas interações entre *poder*, *saber* e *sexualidade*. Enquanto Foucault se concentra na expressão do *poder* nas instituições e discursos que regulam a *sexualidade*, Butler focaliza na *performatividade de gênero* e na desconstrução das normas de *identidade de gênero*. Ambos compartilham a visão de que o *poder* não é uma entidade monolítica e hierárquica, mas sim uma rede complexa de relações que permeia a sociedade. Suas contribuições têm implicações significativas para a



compreensão da diversidade de identidades de *gênero* e para a resistência às normas de *poder* e conhecimento.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

BUTLER, Judith. Variações sobre sexo e *gênero*: Beauvoir, Wittig e Foucault In: BENHABIB, Seyla & CORNELL, Drucilla. *Feminismo como crítica da modernidade*. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 1987.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

FOUCAULT, Michel. *Ética, Sexualidade, Política*. 2.ed. (Coleção Ditos e Escritos V). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006b.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: A Vontade de saber*. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1977.

FOUCAULT, Michel. Sobre a história da *Sexualidade*. In Machado, R. (Org). *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

NIETZSCHE, F. W. *A genealogia da moral*. Trad. de Paulo C. de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.